

Cartografia da pesquisa em ruínas: epistemologias bixas-indígenas-sapatonas-travestis na Ciência e nas Instituições de Ensino

Gabriela Andrade Ferreira de Sá¹
Sasha Abigail Alves dos Santos²
Lanna Carolyna Vieira da Costa³
Juliana Sampaio⁴
Anselmo Clemente⁵

Resumo: Este artigo nasce do desejo de criar espaços de visibilidade e dizibilidade para bixas-indígenas-sapatonas-travestis na pesquisa em Saúde Coletiva. A partir de uma perspectiva situada em vivências e epistemologias das margens, questionamos os discursos hegemônicos que sustentam a cisheteronormatividade, o racismo e a colonialidade nos processos de formação e cuidado em saúde. Nossas vivências e inquietações emergem de nossa atuação como pesquisadoras/es no estudo multicêntrico “Práticas e saberes que vêm das margens: encontros e desencontros com a atenção e a formação em saúde”, financiado pelo CNPq, que analisa junto a pessoas LGBTQIAPNb+, indígenas e viventes de rua as práticas e saberes de cuidado, no território, em movimentos de resistência, no e para além do SUS. Por meio da cartografia e da pesquisa-interferência, reconhecemos que nossos corpos e histórias produzem uma ciência encarnada no terreiro, na rua e na clínica ampliada. Interessa-nos repensar as bases epistemológicas e ontológicas no campo da Saúde Coletiva em que persistem os saberes hegemônicos. O texto produz, portanto, pistas cartográficas, nas encruzilhadas na pesquisa, a partir da confluência de saberes decolonias e contra-coloniais como modos para dar fim à pesquisa como conhecemos, que incorre na tradução como captura colonial do pensamento.

Palavras-chave: Cartografia. Colonialidade. Produção acadêmica. Saberes insurgentes. Saúde coletiva.

¹ Mestranda em Saúde Coletiva na Universidade Federal da Paraíba (PPGSC/UFPB). E-mail: gabriela.a.f.sa@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1632016994328495>. ORCiD: <https://orcid.org/0009-0000-0480-1655>.

² Graduada em Psicologia. Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: sasha08abby@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3834263657714779>. ORCiD: <https://orcid.org/0009-0007-1060-3971>.

³ Mestranda em Saúde Coletiva na Universidade Federal da Paraíba (PPGSC/UFPB). E-mail: costa.carolyna@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8220096059753156>. ORCiD: <https://orcid.org/0009-0007-0546-1649>.

⁴ Doutora de Saúde Pública. Professora Titular da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: julianasmp@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8390769849429514>. ORCiD: <https://orcid.org/0000-0003-0439-5057>.

⁵ Doutor em Psicologia Clínica. Professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: anselmo.clemente@academico.ufpb.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8737894540779617>. ORCiD: <https://orcid.org/0000-0003-1687-2535>.

O que sobra quando tudo falta? Quem escuta os gritos que não cabem nas palavras? Quem reina entre as ruínas?

Ofereço esse texto às pessoas que, no meio da vida, descobriram a própria vida. Às que escaparam – mesmo marcadas – de uma existência cisgênera e sem brilho, e tomaram para si o Encantamento-Travesti. Dizem que a gente morre. E não estou nem falando do massacre cotidiano, das mortes que nos assombram e depois viram apenas notícias baratas. Basta um nome – Gisberta, Dandara, Laura Vermont – para lembrar de um ódio, para lembrar que ser travesti é caminhar sob ameaça. Mas mesmo assim, a gente se recusa a desaparecer. A gente não morre – a gente se encanta. A gente se faz presente, mesmo nas frestas, mesmo nas feridas.

E se existe um nome que ecoa forte nesse encantamento, é o de Dona Maria Mulambo. Ela não chega vestida de linho. Ela pisa suave sobre o lixo, sobre o que o mundo tentou enterrar. Reina nos trapos, entre restos e esquecimentos. Aquilo que foi descartado, ela transforma em realeza. Aquilo que foi ofensa, vira honra. Mulambo é a senhora que acolhe as almas que foram excluídas e marginalizadas, e que celebram a vida enquanto correm do extermínio físico e emocional.

Nas religiões afro-brasileiras, ela ensina que o cuidado não precisa ser limpo, nem puro, nem comportado. Ela cuida com perfume forte, com vestido rasgado, com gargalhada debochada. Cuidar, para ela, é reencantar. É dizer que a vida vale, mesmo quando tentam convencê-la do contrário. E é nessa gira que muitas de nós, travestis, encontramos chão. Porque ser médium de Mulambo não é só questão espiritual – é também política. É se ver nela. É saber que a dor pode virar sabedoria. É transformar abandono em escuta, exílio em linguagem clínica, miséria em potência de vida.

Lembro de tantos dias sombrios. Lembro de uma vez abrir o portão de casa para minha mãe que estava voltando depois das suas 12 horas de trabalho. Ela me olhava como quem carregou a dor do mundo sozinha. É um olhar muito específico, um olhar que só quem sentiu sabe como é. Disse que chorou por alguns minutos no banheiro do trabalho enquanto ouvia os seus patrões, após as suas orações diárias, destilarem o mais profundo

ódio contra as travestis. Lembro dela perguntando, entre lágrimas: “Como alguém pode querer matar alguém como você?”

Nunca respondi. Porque a resposta dói. Mas também lembro que foi nesse mesmo mundo que me quis morta, que encontrei em Maria Mulambo um espelho. Ela, que reina onde não era para existir, me mostrou que também posso reinar – mesmo sem coroa, mesmo sem altar.

Na universidade, basta uma travesti entrar em sala, que já vira “evento”. Professor se aproxima como quem vê o fruto da danação eterna. Diz que quer aprender com você, que nunca teve uma aluna travesti, que você vai mudar a trajetória dele. Quem acredita? Já perdi as contas de quantas vezes pedi desculpa por trazer vivência travesti para a aula. E a primeira vez que ouvi falar da travesti – ou O TRANSEXUAL, sempre em caixa alta – foi numa aula sobre perversão. É isso que nos reservam? A patologização, o estigma, a exceção?

Mas Maria Mulambo me lembra que travesti tem infância, sim. Tem história, tem desejo, tem saber. Travesti frequenta escola, hospital, terreiro e universidade. E mais: travesti pode, sim, ser psicóloga. E não qualquer psicóloga – mas aquela que escuta o que ninguém quer ouvir, que acolhe o excesso, que nos tira dos lixões emocionais que o mundo nos joga e que a teoria ignora, que cura porque se reconhece.

Ela funda uma clínica onde quem veio da rua não precisa pedir licença, onde quem já se sentiu como um farrapo, agora pode se sentir importante e ter direito a contar sua história. Uma escuta que acolhe os silêncios gritantes da miséria, da solidão, da exclusão. Uma clínica que entende que espiritualidade também é epistemologia, também é cuidado, também é resistência.

Para a cisgeneridade, uma travesti psicóloga é um erro. Para mim, é só vontade de furar o mundo – e de salto alto é ainda melhor, acredite. Travesti é mancha. Nos pediram neutralidade. Mas como diz Pam Ribeiro (2025): “Minha Pombagira me ensinou que não existe neutralidade para quem carrega história nas costas. Eu não posso me dar ao luxo de ser ingênua”. Em 60 anos de Psicologia no Brasil, não vamos seguir comendo a neutralidade cisgênera de olhos fechados. Nosso saber tem corpo, tem rua, tem terreiro.

Em alguns terreiros, receber Mulambo era (e ainda é) proibido, por medo ou preconceito. Dizia-se (ainda se diz) que seus médiuns estariam destinados a ter uma vida miserável, de andarilho/a, ou que se tornariam pessoas loucas. Permitia-se que ela viesse *em terra* para falar sobre o que era ou é proibido de ser dito. O interditado que ninguém mais gostaria de contar, como traições ou violências. No entanto, Mulambo acolhe experiências de pessoas que passam por grandes transformações na vida, como o isolamento familiar, e marginalização social. Há uma ligação muito específica dessa Pombogira com pessoas LGBTQIAPNb+. Ela nos guia, lembrando-nos: até o que murchou ainda pode perfumar.

Maria Mulambo ilustra a existência dissidente entre os dissidentes, entre os pares. Representa as dificuldades de habitar inclusive o lugar da marginalidade e, com sua gargalhada debochada, faz frente necessária para desenterrar os/as soterrados/as pelo extermínio social. Em um contexto de saberes hegemônicos em ruínas, falamos como pesquisadoras bixas-indígenas-sapatonas-travestis de uma pesquisa acadêmica que se encontra em seu segundo ano de trabalho. Bixa com “x” e não com “ch”, sintonizadas com Assucena Assucena, vocalista trans da banda As Bahias e a Cozinha Mineira: “É uma tentativa de transgredir os maus estigmas da palavra, já tão castigada” (Cortêz, 2017, p. 1). Curiosamente, no mundo da botânica, bixa é um gênero de plantas nativas da América Central e América do Sul. O urucum, talvez sua espécie mais conhecida, é valorizado por sua capacidade de produzir uma tintura vermelha própria, amplamente utilizada de diversas formas, a partir dos saberes dos povos originários.

Denominada “Práticas e saberes que vêm das margens: encontros e desencontros com a atenção e a formação em saúde”, a pesquisa em que estamos inseridas é multicêntrica e financiada pelo Edital CNPq – Chamada n. 21/2023, Faixa B – Estudos Primários e Originais. Seu objetivo principal é analisar a produção de saberes e práticas de cuidado junto a pessoas indígenas, LGBTQIAPNb+ e pessoas viventes de rua, além de identificar os desafios no acesso e na assistência à saúde dessas pessoas, e como os processos de formação voltados ao SUS (des)reconhecem e (des)legitimam seus corpos e modos de existência.

Assim, nos interessa investigar as estratégias micropolíticas de cuidado, resistência e afirmação de vida no território, no e para além do SUS. A dimensão micropolítica se refere a uma “analítica das formações de desejo no campo social” (Guatarri; Rolnik, 1986, p.127). Desse modo, a produção subjetiva que extrapola os muros dos serviços institucionais se estabelece como um meio de tensionar os discursos patologizantes que criam barreiras de acesso aos corpos considerados não inteligíveis, dissidentes e desviantes.

Os grupos de pesquisadoras/es estão em diversos estados e universidades do Brasil, divididos em frentes de atuação, conforme as pessoas envolvidas – LGBTQIAPNb+, indígenas e viventes de rua. Muitos de nós fazemos parte desses grupos pesquisados e buscamos dar fim ao modo tradicional de se fazer pesquisa. Tarefa desafiadora essa, primeiramente por se tratar de modos de existência que interpelam os privilégios da classe dominante. Partimos da compreensão de que o racismo, a misoginia e a LGBTQIA+FOBIA são sintomas sociais de um sistema de dominação em nome de um Capital Colonizador que, para manter os privilégios, engendra técnicas de controle dos corpos que fogem das pretensas normas “universais” da cisheteronormatividade, da branquitude e do patriarcado. O que se estabeleceu como “minorias”, na ideologia neoliberal dominante, trata-se de uma tentativa de perpetuar a ideia de que somos qualitativamente menores, já que, quantitativamente, somos a grande maioria (Rolnik, 2018, p. 166).

Desafiadora também, porque o brilhantismo acadêmico, com frequência, ofusca e silencia discursos contra-hegemônicos e dissidentes, mesmo quando está imbuído de boas intenções. Linda Smith (2017) aponta que a pesquisa acadêmica tem sido um dos instrumentos mais violentos de colonização e, no caso brasileiro, país apontado como o mais miscigenado do mundo (Jornal da USP, 2025), parece ainda habitar em nosso inconsciente-colonial-capitalístico (Rolnik, 2018), o mito da democracia racial (Nascimento, 2016), que concebe uma suposta igualdade entre os corpos. No campo da pesquisa acadêmica, segue em construção a possibilidade de convivência entre as epistemes. É inaugural, em nosso momento histórico, a urgência de invenção de uma política do comum com os saberes que escapam da norma cis-hétero-branca eurocêntrica.

A mudança de paradigma, que os estudos decoloniais e contracoloniais apostam, relaciona-se com a localização dos saberes (Hawaray, 1995). Ou seja, comunicar o lugar subjetivo e constitutivo de onde os/as autores/as falam quando produzem conhecimento científico. Um dos objetivos desse posicionamento é o letramento coletivo sobre a importância da salvaguarda de saberes historicamente marginalizados. Isso significa que situar nossos locais de fala (Ribeiro, 2017) no mundo anuncia que não produzimos conhecimentos universais e, ao nos utilizarmos de conhecimentos das populações minorizadas, é possível demonstrar alteridade a partir da demarcação de suas autorias (Haraway, 1995).

No entanto, circunscrever espaços de coexistência de epistemes parece gerar inquietações em espaços acadêmicos já consolidados. Não é raro que em nossos encontros da pesquisa, quando emergem ao debate temas, métodos e epistemes, que têm em sua gênese insurgências contra-hegemônicas e inventivas de grupos minorizados, apareçam desconfortos em parte do grupo. Afinal, a academia ainda se move, em grande parte, sob a lógica da validação epistêmica eurocentrada, que hierarquiza saberes e determina quem pode falar, como pode falar e sobre o quê. Nossos corpos e nossas falas desafiam essa ordem. Ao trazer o riso debochado de Mulambo, o axé dos terreiros, rasuramos os modos oficiais de pesquisar e cuidar.

Evocam-se ideias de que esses movimentos estariam buscando postulados “identitários” e “lugares de fala” como sendo verdades universais. Paradoxalmente, também se infere que os grupos estão “nichando” demais os saberes, e dificultando aproximações simpatizantes. Se a branquitude e o academicismo se sentem incomodados por experiências contra-hegemônicas inventivas, cabe-nos perguntar: em que medida essas experiências ameaçam seus próprios lugares de fala? Não seriam as próprias experiências cis-hétero-brancas universalizantes?

Saberes em ruínas e a tradução como captura no campo da pesquisa

Tomamos de empréstimo as discussões de Antônio Bispo dos Santos (2023) para embasar nossas questões; quando ele adverte sobre as semelhanças entre o colonizador e

o adestrador: ambos “começam por desterritorializar o ente atacado, quebrando-lhe a identidade, tirando-o de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe novos modos de vida e colocando-lhe outro nome” (Santos, 2023, p.2). Isso tudo se intensifica, pelo fato de o mundo acadêmico ser fortemente cristalizado no que Cida Bento (2022) chamou de Pacto Narcísico da Branquitude, e que opera, em certa medida, uma Letalidade Branca, conforme discute Felipe Tuxá (Cruz, 2021).

Não por acaso, Preciado (Castro, 2022), embora permaneça vinculado ao universo acadêmico, recorre ao seu próprio corpo, aos seus coletivos de militância, aos saberes produzidos em relação com sua comunidade para produzir seu pensamento. Afinal, num mundo organizado pela binaridade e pela cisheteronormatividade compulsória, corpos trans e pessoas não binárias foram e são historicamente desqualificadas em seus discursos e modos de vida, num extenso e doloroso processo de patologização e abjeção.

Nesse contexto, a partir das discussões da interseccionalidade, a branquitude, o patriarcado e a cisheteronormatividade operam em um regime que organiza e hierarquiza os corpos nas sociabilidades e subjetividades, estabelecendo relações de poder e privilégio. O “Cistema” sexo/gênero e a racialização seletiva formam a dupla pinça de efetivação da exploração colonial-capitalista (Nascimento, 2021). De certo modo, os saberes que fundamentam o mundo acadêmico também sustentam e reiteram esse regime. Esse parece ser um dos motivos de a Universidade estar em ruínas: não apenas como instituição em crise, mas como projeto epistêmico fundado na colonialidade do saber, do ser e do poder (Quijano, 2005).

Por isso, seus modos de produzir saberes, em grande medida, não dão conta de fazer a mediação necessária com esses mesmos grupos dissidentes e minorizados, situando-os, muitas vezes, como objetos de pesquisa numa perspectiva predatória e extrativista e não a partir de um plano comum na produção de conhecimento. Por pesquisa extrativista, nos referimos àquela que se aproxima do campo sob uma pretensa neutralidade de quem pesquisa, na investida de coletar, registrar, apropriar-se daquilo que é do mundo e do outro. O sentido do conhecimento segue uma lógica representacional da realidade.

Essa ruína, longe de significar apenas falência, pode ser compreendida como possibilidade de fissura – de interrupção do mundo moderno tal como foi organizado. Pensar o fim do mundo é também um gesto de insurgência nessa espécie de dívida impagável que carregamos, uma aposta na criação de mundos habitáveis por corpos historicamente subalternizados (Ferreira, 2019). A Universidade em ruínas, nesse sentido, pode ser atravessada por práticas que desestabilizam a centralidade da racionalidade colonial e abrem espaço para epistemologias negras, feministas e periféricas, instaurando novos modos de existência e de produção de conhecimento. Como afirma Mombaça e Mattiuzzi (2019, p.23-25), “o estudo preto anuncia o fim do mundo como conhecemos, e o limite é a condição do salto”.

Preciado (2023) amplia essa discussão: trata-se de uma condição epistêmico-política planetária contemporânea, marcada por uma disforia generalizada, seja pela “resistência de uma grande parte dos corpos vivos do planeta à subalternização dentro de um regime de conhecimento e poder petrossexorracial”, seja pela “resistência do planeta vivo a ser reificado como mercadoria capitalista” (Preciado, 2023, p. 14).

Quando os estudos se dedicam a trabalhar com pessoas dissidentes da cisheteronorma e/ou não brancas, a questão se torna ainda mais problemática, pois o trabalho acadêmico, em sua sanha extrativista, dedica-se a uma espécie de tradução dos saberes inventivos para o regime colonial: um movimento de captura, inteligibilidade e cognição colonizadora, capaz de explicar modos de ser e viver dos mais variados para um regime hegemônico da vida. Esse movimento ocorre justamente quando o ato de pesquisar poderia estar “disponível para o trânsito e para o transe, para o drible e a ginga, recusando a subalternização” (Dias, p.71, 2021). O efeito disso, muitas vezes, é uma pesquisa apaziguadora, amansadora, na esteira do exercício do que chamamos de tradução. Nas questões de gênero, por exemplo, tal processo se relaciona aos trans-epistemicídios.

Por isso, antes de nos perguntarmos o que podem as bichas-indígenas-sapatonas-travestis nas pesquisas acadêmicas – ou ainda se esse movimento representaria um retorno a um certo identitarismo exclusivo, em que apenas determinadas experiências teriam “lugar de fala” –, poderíamos refletir sobre como estabelecer uma rede de comunicação

entre esses modos de vida diaspóricos, do ponto de vista racial e da dissidência heterocispatriarcal, em nossos estudos acadêmicos. Ou seja, como conectar corpos dissidentes numa política do comum sem identificá-los em excesso? Trata-se de uma espécie de devir, uma identidade-multidão.

Uma operação em duplo movimento enquanto coletivo de pesquisa: por um lado, no sentido de expansão – ou seja, de ampliação das conexões entre ideias e experiências, com especial atenção às invenções possíveis; por outro, no sentido de contração – ou de contratação grupal, de formação de coletivo, como efeito do acolhimento das pessoas e das diversas formas de chegada ao grupo.

Modos insurgentes, saber-se nas ruínas e as encruzilhadas da pesquisa

Já não temos tempo, mas sabemos bem que o tempo não anda só para a frente. Não vim aqui para cantar a esperança. Não temo a negatividade dessa época, porque aprendi com os cálculos de Denise Ferreira da Silva que menos com menos dá mais e, portanto, nossas vidas negativas se somam e se multiplicam à revelia. Então eu vim para cantar à revelia (Mombaça, 2021, p.14).

Compreendemos esses desconfortos em relação ao modo de produção de conhecimento a partir de um estranhamento que nos atravessa. Assim, nas encruzilhadas onde o saber acadêmico se dobra sobre si, nos encontramos nos desvios, nas esquinas e nas frestas, tentando traçar pistas para dar fim à pesquisa tradicional, tal como a conhecemos. Tomamos a imagem da encruzilhada para abrir nossos caminhos. Toda encruzilhada remete a um ponto de decisão, de possibilidades; não é necessariamente um lugar de impasses, pois também comporta o inesperado, as contradições e a alteridade – justamente de maneira distinta da dimensão do universal e totalizante próprios da dominação colonial (David; Assar, 2021).

Pelas esquinas, no ato de pesquisar, de cartografar, nas passagens e afetações que nos mobilizam no campo, nos colocamos disponíveis por meio dos nossos corpos e de suas potências. Pesquisar pelas encruzilhadas passa por aí, mas também por atravessar o contraditório – como nos lembra Cristina Dias (2021, p. 71) “o corpo sofre, por

excelência, o primeiro ataque do colonialismo, a partir de sua domesticação e sexualização, como parte do projeto amansador de corpos, disciplinador de condutas e aniquilador de saberes”.

No contraditório da encruzilhada, o corpo é convocado a agir. Contudo, seguindo a pista da mesma autora, “diante da violência e do silêncio imposto, o corpo experimentado como enigma é o que confronta o colonialismo” (Dias, 2021, p. 71). Pensamos que aqui está uma reflexão importante para deixar desmoronar as velhas formas de produzir conhecimento na academia, inscritas no normativo e no universal do humano. Contudo, a imagem da encruzilhada não deve ser apenas mais uma dessas tendências conceituais que ganham visibilidade por sua aparência subversiva, mas acabam sendo domesticadas pelo discurso acadêmico. Antes disso, ela aponta para um verdadeiro giro epistêmico na construção do conhecimento. Em um estudo etnográfico recente sobre a relação das Pombogiras com as pessoas – mediada pela noção de acerto, ou seja, acordos firmados com elas, que precisam ser constantemente confirmados e renovados (Santana Junior, 2021) – as ideias de sujeito e de campo da pesquisa foram profundamente remodeladas.

Primeiro, porque as Pombogiras não são propriamente sujeitos espectrais que se manifestam apenas no terreiro – não é simples definir quem é o sujeito da pesquisa: “elas são vento, espírito, e por isso podem estar em qualquer lugar, mesmo que não sejam vistas ou sentidas” (Santana Junior, 2021, p. 27). Por isso, para o mesmo autor, a espacialidade das encruzilhadas compõe uma cartografia religiosa afrodiaspórica, onde a encruzilhada é a própria comunicação, e as Pombogiras, sua materialização: “Na encruzilhada existe uma confluência entre o lado espiritual e o encarnado, pois esses espíritos se encontram, ocupam até o mesmo corpo, mas não se misturam” (Santana Junior, 2021, p. 48).

Segundo, porque nesse sentido de confluência, torna-se difícil circunscrever o campo com base em um modo tradicional de produzir ciência. Não é o/a pesquisador/a que encontra o campo, mas é o campo que encontra o/a pesquisador/a – pois, no caso das Pombogiras, elas não seguem a mesma lógica espacial que nós. O campo, portanto, não era necessariamente o terreiro aonde a Pombogira vinha em terra, mas o lugar do

encontro, da encruzilhada com o/a pesquisador/a – o que podia ocorrer em distintos momentos e espaços. A pesquisa, nesse caso, era um acerto com elas.

(In)conclusões nas encruzilhadas do fim do mundo

A partir de Antônio Bispo dos Santos (2023), seria lícito perguntarmos: como contracolonizar nossas produções acadêmicas no campo da saúde coletiva? Algo no sentido da confluência de Nego Bispo (Santos, 2023, p.4), essa “energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito”.

No enfrentamento às normas acadêmicas cishetero-branca-coloniais, as corpos bixas-indígenas-sapatonas-travestis furam os muros, afirmando suas existências. Os tensionamentos epistemológicos fazem parte desses confrontos. Enquanto a academia ainda vem tentando construir viradas paradigmáticas anti-coloniais, e sair da lógica cartesiana eurocentrada do pensamento, nós já resistíamos em diferentes espaços, com nossas políticas do encantamento, com nossas epistemologias espirituais e nosso urucum selvagem.

O presente artigo buscou interrogar as ontologias acadêmicas, e refletir sobre a encruzilhada dos saberes que nasce do encontro entre epistemologias situadas, inventivas e contracoloniais e saberes hegemônicos consolidados. Maria Mulambo ilustrou as incongruências que podem habitar inclusive contextos dissidentes, e no campo da pesquisa, mesmo entre nossos pares encontramos resistências. Como repensar radicalmente nossas ontologias e ao mesmo tempo conviver com legados coloniais?

Algumas pistas e frestas trazidas dizem respeito a coabitar o contraditório, permanecer nos impasses, e nos ocupar pouco de resolver dilemas das encruzilhadas teóricas. É preciso conviver com a dissidência das dissidências; habitar a sujeira, imundizar-nos. Não será possível dismantelar o Pacto Narcísico da Branquitude tornando nossa linguagem uma tradução palatável ao entendimento postíço e esquemático do cânone acadêmico. Assim adverte Nego Bispo (Santos, 2023, p.4-5), dizendo que a confluência “é uma força que rende, que aumenta, que amplia”, e que “quando a gente

confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende”.

Referências

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Cia. das Letras, 2022.

CASTRO, Ernesto. Dysphoria mundi en Madrid (ft. Paul B. Preciado). Youtube, 15 nov. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SomTT3n5hjQ>. Acesso em: 3 maio 2025.

CORTÊZ, Natacha. “Ser chamada de bixa não machuca mais, mas dá orgulho”. **Universa, UOL** [online], 5 set. 2017. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2017/09/05/ser-chamada-de-bixa-nao-machuca-mais-mas-da-orgulho.html>. Acesso em: 28 maio 2025>. Acesso em: 28 maio 2025.

CRUZ, Felipe Sotto Maior. **Letalidade branca: negacionismo, violência anti-indígena e as políticas de genocídio**. 2021. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

DAVID, Emiliano de Camargo; ASSAR, Gisele (org.). **A psicanálise na encruzilhada: desafios e paradoxos perante o racismo no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Hucitec; Porto Alegre: Grupo de Pesquisa Egbé: Projeto Canela Preta & Sedes Sapientiae, 2021.

ESTUDO mapeia impactos da miscigenação no DNA e na saúde da população brasileira. **Jornal da USP**, São Paulo, 16 maio 2025. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/estudo-mapeia-impactos-da-miscigenacao-no-dna-e-na-saude-da-populacao-brasileira/>. Acesso em: 29 maio 2025.

FERREIRA DA SILVA, Denise. **A dívida impagável**. São Paulo: Forma Certa, 2019. Disponível em: <https://casadopovo.org.br/wp-content/uploads/2020/01/a-divida-impagavel.pdf>. Acesso em: 30 maio 2025.

GUATARRI, Felix; ROLNIK, Suely. Micropolítica. **Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7–41, 1995.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Editora Cobogó, 2021.

MOMBAÇA, Jota; MATTIUZZI, Musa Michelle. **Carta à leitora preta do fim dos tempos**. In: FERREIRA, Denise da Silva. *A Dívida Impagável*. São Paulo: Forma Certa, 2019. Disponível em: <<https://casadopovo.org.br/wp-content/uploads/2020/01/a-divida-impagavel.pdf>>. Acesso 30 mai 2025.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/43346716/O_Genoc%C3%ADio_do_Negro_Brasileiro. Acesso em: 26 maio 2025.

NASCIMENTO, Letícia Carolina do. C. P. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

PRECIADO, Paul. **Dysphoria mundi: o som do mundo desmoronando**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2023.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117–142. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 29 maio 2025.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017. Disponível em: <https://www.sindjorce.org.br/wp-content/uploads/2019/10/RIBEIRO-D.-O-que-e-lugar-de-fala.pdf>. Acesso em: 29 maio 2025.

RIBEIRO, Pam. Não existe neutralidade para quem carrega a história nas costas. São Paulo, 23 abr. 2025. Instagram: @abruxapreta. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DIyJv6POcM3/>. Acesso em: 29 maio 2025.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018. Disponível em: https://monoskop.org/images/0/08/Rolnik_Suely_Esferas_da_insurreicao_notas_para_uma_vida_nao_cafetinada_2018.pdf. Acesso em: 26 maio 2025.

SANTANA JÚNIOR, Humberto Manoel de. **“Acende a luz do candeeiro pra receber pessoa amiga”**: encontros e acertos na encruzilhada. 2021. 188 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1242976>

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. Ubu Editora, 2023.

SMITH, Linda Tuhiwai. **A descolonizar las metodologías:** investigación y pueblos indígenas. Tafalla: Txalaparta, 2017.

Research cartography in ruins: bixas-indigenous-sapatonas-travestis epistemologies in Science and Educational Institutions

Abstract: This article arises from the desire to create spaces of visibility and sayability for bixas-indígenas-sapatonas-travestis in Public Health research. From a perspective situated in the experiences and epistemologies of the margins, we question the hegemonic discourses that sustain cisheteronormativity, racism and coloniality in the processes of training and health care. Our experiences and concerns emerge from our work as researchers in the multi-center study “Practices and knowledge that come from the margins: encounters and mismatches with health care and training”, funded by CNPq, which analyzes care practices and knowledge with LGBTQIAPNb+, indigenous and street people, in the territory, in resistance movements, in and beyond the SUS. Through cartography and research-interference, we recognize that our bodies and stories produce a science embodied in the terreiro, the street and the extended clinic. We are interested in rethinking the epistemological and ontological bases in the field of Collective Health in which hegemonic knowledge persists. The text therefore produces cartographic clues at the crossroads of research, based on the confluence of decolonial and counter-colonial knowledges as ways of putting an end to research as we know it, which incurs translation as the colonial capture of thought.

Keywords: Cartography. Coloniality. Academic production. Insurgent knowledges. Collective health.

Recebido: 31/05/2025

Aceito: 20/02/2026